

ENTRE O DESEJO CLANDESTINO E A LITERATURA CLARICEANA

Luciana Bragaⁱ

Resumo

Pretende-se, nesta comunicação, analisar o poder subversivo da literatura no conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector presente na obra de mesmo nome, publicada no ano de 1971. Nesse conto clariceano, a personagem principal transita entre o desejo e a frustração, elementos definidores para o autoconhecimento desse *eu* que necessita de um *outro* para desvendar a si mesma. Frente aos obstáculos para alcançar *o outro*, esse corpo desejante não desiste apegado à promessa da posse do objeto desejado. Cabe salientar que lidamos com um eu infantil e um outro objeto, um *outro* em forma de livro, porque o objeto do desejo não precisa ser carnal. Dessa forma, pretendemos analisar a escrita desse conto através da teoria do “corpo erotizado” desenvolvida pela estudiosa Elódia Xavier no seu livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007) a partir da personagem principal e narradora da história. Além disso, a fim de aprofundar teoricamente nossas reflexões a cerca do desejo, do erotismo, do gozo e do interdito, utilizaremos um arcabouço teórico constituído por Platão em *O Banquete* (1987), Georges Bataille em *O Erotismo* (1987), Sigmund Freud na obra *As pulsões e seus destinos* (2017), Lucia Castello Branco em seu texto *O que é erotismo* (1983), Roland Barthes com o célebre *O prazer do texto* (2015), Simon May com o *Amor: uma história* (2012), entre outros autores e obras, que possam contribuir efetivamente para o cumprimento do propósito deste trabalho.

Palavras-chave: Desejo, Interdito, Erotismo, Literatura, Clarice Lispector.

ENTRE EL DESEO CLANDESTINO Y LA LITERATURA CLARICEANA

Resumen

En esta comunicación, se pretende analizar el poder subversivo de la literatura en el cuento "Felicidad Clandestina", de Clarice Lispector presente en la obra del mismo nombre, publicada en el año 1971. En ese cuento clariceano, el personaje principal transita entre el deseo y la frustración, elementos definidores para el autoconocimiento de ese yo que necesita de un otro para entenderse a sí misma. Frente a los obstáculos para alcanzar al otro, ese cuerpo deseante no desiste apegado a la promesa de la posesión del objeto deseado. Cabe señalar que trabajamos con un yo infantil y un otro objeto, otro en forma de libro, porque el objeto del deseo no necesita ser carnal. De esta forma, pretendemos analizar la escritura de ese cuento a través de la teoría del "cuerpo erotizado" desarrollada por la estudiosa Elodia Xavier en su libro *¿Qué cuerpo es éste? El cuerpo en el imaginario femenino* (2007) a partir del personaje principal y narrador de la historia. Además, a fin de profundizar teóricamente nuestras reflexiones a cerca del deseo, del erotismo, del goce y del interdicto, utilizaremos un marco teórico constituido por Platón en *El Banquete* (1987), Georges Bataille en *El Erotismo* (1987), Sigmund Freud en la obra *Las pulsiones e sus destinos* (1990), Roland Barthes con el célebre *El placer del texto* (2015), Simon May con el *Amor: una historia* (2012), entre otros autores y obras, que puedan contribuir efectivamente al cumplimiento del propósito de este trabajo.

Palabras clave: Deseo, Interdito, Erotismo, Literatura, Clarice Lispector.

ⁱ Graduada em Letras Português – Literaturas (UFC), Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (UECE) e Mestranda em Literatura Comparada (UFC). Email: l-braga@hotmail.com

1 – Introdução

“Felicidade Clandestina” é o título do conto que dá nome ao livro composto por um conjunto de vinte e cinco contos, de Clarice Lispector, publicados em 1971. A escolha do título do livro não poderia ter sido melhor, visto que a temática da “felicidade clandestina” ou do “prazer proibido” perpassa ao longo dos contos que compõem a referida obra.

O conto “Felicidade Clandestina” é sobre o desejo desenfreado de uma menina por um livro e sobre como a detentora desse livro utiliza do seu poder de posse para torturá-la sadicamente, fazendo-a ir todos os dias à sua casa em busca do objeto que nunca chegava às suas mãos.

A narradora-personagem retorna às lembranças do seu passado e nos descreve a sua “torturadora” da seguinte maneira:

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. (LISPECTOR, 1998, p. 9).

É nítida a oposição entre a filha do dono de livraria e as outras meninas, incluindo a narradora. A diferença não se limita aos aspectos físicos, mas, sobretudo, ao poder que uma menina possui em relação à outra. O poder nesse conto não é “algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 2015, p.102), isto é, a menina ruivinha tem poder sobre as outras através de inúmeros detalhes: seu busto enorme, seus bolsos cheios de balas, mas, principalmente, porque ela tem pai dono de livraria, ou seja, ela tem acesso à literatura de uma forma desigual se comparada as demais meninas.

Em tempos em que as crianças se deleitavam com a leitura de histórias, essa menina tinha acesso liberado ao mundo mágico das letras, mas pouco aproveitava e menos ainda deixava que as outras aproveitassem; talvez como uma espécie de vingança por as outras serem “bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres;” (LISPECTOR, 1998, p.9). Pelo menos é nessa verdade que a narradora nos faz acreditar.

Ainda segundo a narradora, a menina possuía grande talento para a crueldade, conforme o seguinte trecho: “Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.” (LISPECTOR, 1998, p.9).

Cabe salientar que segundo Freud (2016, p.101), “a crueldade tem relação estreita com o caráter infantil, pois o empecilho que faz o instinto de apoderamento se deter ante a dor do outro, a capacidade de compaixão, forma-se relativamente tarde.”

Dessa forma, percebemos como Clarice toca em uma ferida aberta ao desnudar uma temática existente, mas geralmente oculta pelos adultos. Vale ressaltar que assim como a crueldade infantil, a sexualidade também é tratada como um tabu na infância.

No entanto, percebemos a força da intencionalidade das atitudes da menina que age de forma maldosa de maneira calma, ou melhor, premeditada. A narradora intensifica ainda mais ao nomear tal ato cruel como uma “tortura chinesa”, que se trata de uma grande capacidade para arquitetar um suplício cruel refinado por uma prolongada duração.

No conto em questão, a tortura foi elaborada a partir da notícia de que ela tinha em suas posses um exemplar de *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato (1993). Acreditamos que esse livro não foi escolhido à toa por Clarice Lispector, afinal, essa obra está envolta por uma atmosfera de encantamento e magia, em que é possível se deparar com seres inimagináveis no mundo real, mas recorrentes no mundo dos sonhos infantis. Esse livro representa “a própria descoberta de um narrador-leitor ou de um personagem que se desvenda e transforma segundo o desvelamento do ato de ler.” (SALES, PAMPLONA; NOBRE, 2007, p.18.).

Lobato, como um grande contador de histórias infantis, conseguiu com essa obra construir uma narrativa do prazer em que a menina Lúcia, ou Narizinho, como ela é chamada no livro, e seus companheiros, principalmente a boneca de pano, Emília, estão sempre à procura de novas aventuras.

Chamamos aqui de narrativa do prazer aquela que no dizer de Barthes (2015) possui uma linguagem que, ao mesmo tempo que “fere”, também “seduz”.

2 – Desenvolvimento

É no ferir e no seduzir de Barthes (2015) que a narradora de “Felicidade Clandestina” está inserida, pois ela está ferida por não possuir o livro e seduzida pela expectativa de tê-lo. Sendo assim, a ruptura é feita na personagem antes mesmo da posse do livro, antes mesmo da leitura da primeira palavra da obra em questão. A subversão se dá, pois, inicialmente no âmbito do desejo; é Eros já mostrando sua face para a menina ansiosa pelo livro, aqui visto como um objeto de prazer; um prazer clandestino.

Dessa forma, é importante ressaltar que, segundo Lúcia Castello Branco (1983, p.68) a arte está entre os processos humanos que se circunscrevem ao domínio de Eros e que se realizam como expressão de uma nostalgia de completude, do desejo de conexão com o cosmo.

Essa nostalgia de completude é uma referência ao *Banquete de Platão* (1987), provavelmente um dos textos mais antigos sobre o erotismo, em que Aristófanes, um dos convidados do banquete, conta que originalmente, a humanidade era formada por três gêneros, um

feminino, um masculino e outro andrógino. Sendo este último comum aos dois, ao masculino e ao feminino. O andrógino possuía um dorso redondo, os flancos em círculo; possuía quatro mãos, dois rostos, quatro orelhas e dois sexos. O masculino era descendente do sol, o feminino da terra e o andrógino da lua. Esses gêneros possuíam grande força, vigor e presunção, o que os fizeram se voltar contra os deuses, obrigando Zeus a puni-los cortando-os em dois a fim de enfraquecê-los.

O livro é, dessa maneira, o *outro* desejado pela personagem para vivenciar uma experiência de completude nunca antes experimentada, pois a filha do dono de livraria sequer a presenteava com livros em seu aniversário, mas entregava um mísero cartão postal da loja do pai com paisagens de Recife já internalizadas em sua memória.

A literatura nesse conto, portanto, carrega em si “a possibilidade de completude, de androginia, é, portanto, poderosa e subversiva.” (BRANCO, 1983, p.68). E esse caráter subversivo é devido o prazer que ele representa ser um prazer pelo prazer, isto é, do gozo estético. Se preferirmos as palavras de Barthes (2015) o prazer que a narradora almeja

não é um elemento do texto, não é um resíduo ingênuo, não depende de uma lógica do entendimento e da sensação; é uma deriva, qualquer coisa que é ao mesmo tempo revolucionária e associal e que não pode ser fixada por nenhuma coletividade, nenhuma mentalidade, nenhum idioleto. (BARTHES, 2015, p.24).

Além disso, relacionamos o desejo pelo livro aqui em paralelo ao desejo sexual, visto que a primeira descrição da obra é do domínio do erótico: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o”. (LISPECTOR, 1998, p.10).

O livro é, portanto, o artefato do desejo ou o objeto de uma pulsão, visto que, segundo Freud (2017, p.25), “o objeto de uma pulsão é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta.” Essa última só podendo ser alcançada a partir da posse do livro que é de propriedade da outra.

Enquanto o desejo não é satisfeito, a narradora apega-se a promessa do empréstimo do livro e se transforma na própria “esperança da alegria” em ter o livro em sua posse. O simples sonhar com o alcance do livro já transporta a personagem-narradora para outro mundo, como o que ocorre frequentemente no próprio *Reinações de Narizinho*; assim, a menina já não vivia, mas nadava devagar num mar suave, cujas ondas a levam e a trazem. (LISPECTOR, 1998, p.10).

A recorrência do mar na obra clariceana é puramente simbólica, pois representa geralmente uma experiência de autoconhecimento. Em *Aprendizagem ou o Livro dos prazeres* (1998), a narradora descreve o mar como “o líquido espesso de um homem” (LISPECTOR, 1999, p.68); já no conto em questão, o mar é o próprio caminho; é quem a conduz. Já que ela não possui asas que a levem pelo ar; imagina-se nadando, sentindo, pois, a conexão com as águas do mundo. E não há

nada também tão erótico quanto o movimento de ir e vir das ondas do mar. Clarice faz, portanto, um verdadeiro mergulho na palavra e nos retira do comodismo das expressões já esvaziadas de sentido e nos desautomatiza, causando um estranhamento que nos alerta para o que virá adiante.

O que ocorre é uma série de idas e vindas frustradas, em que a dona do livro sempre utiliza uma desculpa diferente para não satisfazer o desejo da menina que, movida pela esperança da concretização, anima-se a cada dia e se envolve em mais uma tentativa obstinadamente.

Segundo Maria Rita Khel (2002),

A realidade é inimiga da satisfação absoluta do desejo, mas o princípio de realidade dentro de nós, aliado ao princípio do prazer, nos ensina os caminhos para a vida e para o amor em troca do abandono do narcisismo primário. É dessa brecha entre o tudo que se quer e aquilo que se pode que nascem as possibilidades de movimento do desejo, movimento que não cessa enquanto a vida não cessa. Não existe objeto que satisfaça plenamente o desejo e é por isso que ele não para de renascer de cada pequena satisfação, de cada pequeno repouso: é justamente por isso que a vida é tensão permanente, é movimento permanente: o que não encontro aqui, vou buscar em outro lugar. (KHEL, 2002, p. 476-477).

Dessa forma, é movida por essa ânsia pela satisfação do desejo que a personagem em vez de se frustrar, renova as forças e refaz o mesmo caminho, em uma “tensão permanente” que não se limita à infância, visto que a narradora afirma que: “os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava.” (LISPECTOR, 1998, p.10). Em outras palavras, a narradora agora adulta reflete que estamos sempre desejando algo e adiando o prazer, constituindo o verdadeiro drama do dia seguinte.

Ela acrescenta ainda que o “amor pelo mundo” a esperava; o amor é, portanto, assim como a promessa da filha do dono de livraria, uma “promessa que não se cumpre e só por o ignorarmos acreditamos nas suas juras, entregamo-nos a elas, como se do sentimento ou da vida se pudesse dar ou ter garantias.” (MILAN, 1983, p.15).

Contudo, conforme a narradora “não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico” (LISPECTOR, 1998, p.10) e o pior é que a vítima desse plano tinha consciência dele, mesmo assim não abria mão do seu desejo.

“Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.” (LISPECTOR, 1998, p.11).

Esse trecho é extremamente importante, pois reforça ainda mais o caráter opressor da menina que detém a posse do livro. No entanto, não podemos esquecer que, ao mesmo tempo que, ela oprime a protagonista; ela também é de certa forma oprimida, visto que não possui as características pertinentes às outras meninas; o que a torna uma criança excluída desse grupo social.

E assim os dias prosseguiram com as visitas diárias da menina, correndo entre o desejo e a

frustração; até que certo dia apareceu a mãe que “deveria estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa.” (LISPECTOR, 1998, p.11). A mãe pede explicações e recebe em troca algumas frases entrecortadas. O fato é que essa boa mãe provavelmente estava se recusando a entender; negando-se a constatar a natureza cruel da filha que criara. Afinal, o livro nunca havia saído de casa e a menina sequer quisera lê-lo.

Dessa forma, após refletir sobre o ocorrido, a mãe ordena que sua filha empreste o livro e diz para a nossa narradora: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” (LISPECTOR, 1998, p.11).

E assim, ela finalmente toma posse do seu objeto do prazer e inicia um processo curioso de erotização do corpo. Segundo Elódia Xavier (2007, p.157), o corpo erotizado “trata-se de um corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica”. Sendo que esse corpo “pode ou não estar envolvido pelo amor, mas estará seguramente vivendo sua sexualidade.” (XAVIER, 2007, p.158).

É mister destacar que essa experiência erótica não é necessariamente uma experiência sexual; ainda que erroneamente acreditemos que erotismo sempre envolve sexo; isso não é uma verdade. O fato é que

o termo sexual aparece no dicionário ligado às práticas sexuais chamadas genitais (os órgãos femininos e masculinos da reprodução), enquanto na psicanálise o sentido se alarga, referindo-se a qualquer região do corpo suscetível de prazer sexual (zonas erógenas) e aos prazeres sexuais infantis (comer, excretar, fantasiar com partes do corpo ou com objetos variados uma relação genital imaginária). (CHAUI, 1984, p.14).

Dessa forma, é possível vivenciar uma experiência erótica sem que haja a prática sexual ou genital, tal como os dicionários a define, afinal, conforme Bataille (2017, p.35), “apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica;” de forma que é possível haver erotismo sem haver sexo e é possível pensarmos em amor com a presença de sexo.

Erotismo, aliás, “é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão” (BATAILLE, 2017, p.53) e no conto em questão, o que coloca a vida da personagem em questão é a posse do livro. É a literatura que ganha esse status de objeto de desejo e interdito.

Utilizando as palavras exatas de Clarice Lispector, ao receber o livro pelo tempo que ela quisesse, a menina estava “estonteada”, isto é, deslumbrada, maravilhada. Ao sair da porta da casa da filha do dono de livraria com o livro almejado nas mãos; a narradora não segue correndo como sempre, mas com todo o cuidado:

Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quando tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. (LISPECTOR, 1998, p.12)

Percebemos no trecho supracitado o erotismo intenso ao qual a personagem está inserida através das escolhas lexicais da narradora e do comportamento da menina com o livro fruto de seu desejo. Utilizamos aqui desejo e não necessidade por entendermos que o que ocorre ao longo do conto é uma aventura pela satisfação de um desejo que, paradoxalmente, nunca será alcançada, visto que se se tratasse apenas de uma mera satisfação, a menina se contentaria apenas com a posse do livro em questão, mas o que se segue ao final dessa narrativa são inúmeras tentativas de prolongar o prazer, reviver as mesmas sensações do primeiro contato com o livro.

A atitude da menina com o livro é semelhante à atitude dos adultos em busca do orgasmo da contemporaneidade, em que, conforme Zygmunt Bauman (2008, p.285),

a experiência sexual definitiva permanece para sempre uma tarefa para mais adiante e nenhuma experiência sexual real é verdadeiramente satisfatória, nenhuma elimina a necessidade de mais treinamentos, instruções, conselhos, receitas, drogas ou aparelhos.

Em outras palavras, dificilmente estaremos algum dia saciados sexualmente, por isso sempre estamos em busca de novas sensações; é como a busca pela boa forma; uma busca incessante pelo prazer.

Por outro lado, ainda sobre a diferença entre “necessidade” e “desejo”, Bryan S. Turner (2014, p.58) afirma que ela se baseia na verdade “numa distinção entre ‘natureza’ e ‘cultura’.” No entanto, “essa é uma distinção difícil de se manter porque aquilo que percebemos como necessidade é, de fato extensamente permeado e constituído pela cultura. A distinção entre necessidade e desejo é, basicamente, um julgamento de valor.”

Sendo assim, ambos os conceitos parecem interligados, por isso o que realmente nos importa no presente trabalho é descrever essa experiência que a menina teve e notar como ela faz parte do domínio erótico, apesar da repressão sexual ao qual a criança, mesmo ser ter consciência, está inserida.

O fato é que quanto maior a repressão, a interdição, maior a presença de Eros e apesar das indagações em torno da sexualidade infantil, Freud (2016, p.115) já havia sinalizado a importância da afetividade para a excitação sexual da criança.

Retornando à narrativa; a narradora já adulta descreve a experiência extremamente simbólica do contato dela quando criança com o livro:

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. (LISPECTOR, 1998, p.12).

Portanto, “ao lograr o seu artefato de desejo, ela tenta, ao máximo, prorrogar o gozo. O fato de atingir o prazer na integridade é, para a narradora, algo utópico, razão pela qual a menina vai

adiando a leitura do livro”. (NOVAES, 2017, p.69).

O que sabemos é que essa comunicação delicada entre leitor e obra literária é puramente erótica. De acordo com Lúcia Castello Branco (1983, p. 68) “O primeiro contato entre o espectador e o objeto artístico é sempre sensual: aquela obra nos agrada ou nos desagrada, nos ‘toca’ e nos ‘conecta’, ou nos é indiferente.”

Repetindo Barthes (2015, p. 47), “Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz”; mas o prazer do texto não é seguro, já que

A arte como as perversões sustenta a realização do prazer pelo prazer, do gozo estético, ou do gozo erótico, como fins em si. Essa é uma das razões pelas quais a arte e os artistas estão, de alguma forma, sempre à margem da ordem social – a arte carrega a possibilidade de completude, de ‘androginia’; é, portanto, poderosa e subversiva. (BRANCO, 1983, p.68).

Dessa forma, a cada vez que entramos em contato com uma leitura que nos dá prazer, vivemos sob os desígnios de Eros, do interdito, cujos domínios são sempre incertos, mas, ao mesmo tempo, atraentes. Talvez por ser difícil capturar essa experiência, assim como é difícil saciar o prazer; a menina confessa que a felicidade sempre iria ser clandestina para ela, isto é, proibida, feita às escondidas, e por isso mesmo fascinante, assim como a atividade sexual.

A visão erótica do prazer com o livro é tão nítida nesse conto que Clarice constrói ainda a imagem da menina balançando-se “com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo”. (LISPECTOR, 1998, p.12).

Antes da posse do livro, chamamos a atenção para a imagem das ondas do mar suscitadas no conto; agora temos o vai e vem da rede; ambos repletos de sensualidade, visto que tanto a repetição quanto o movimento inesperado provocam o prazer no indivíduo envolvido nesse jogo da sedução.

Vale ressaltar a escolha lexical que Clarice fez ao definir o estado da menina: “êxtase puríssimo”, isto é, gozo intenso, ou seja, a erotização do corpo foi tamanha que finalmente há a aproximação da criança e da mulher, em que a narradora encerra seu mergulho clandestino no passado de forma magistral: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.” (LISPECTOR, 1998, p.12).

Nesse trecho, temos, portanto, o amor que “olha simultaneamente para o passado e para o futuro.” (MAY, 2012, p.317) e a presença de Eros que “possibilita uma experiência do outro em sua alteridade.” (HAN, 2017, p.11).

Com essas últimas palavras clariceanas, o livro assume condição de amante e a menina assume condição de mulher; o eu versus o outro finalmente se entrelaçam e se completam.

Bataille (2017) nos ajuda a compreender esse fenômeno ao afirmar que:

Se a união dos dois amantes é o efeito da paixão, ela evoca a morte, o desejo de assassinato ou de suicídio. O que designa a paixão é um halo de morte. [...] É somente na violação - à altura da morte - do isolamento individual que aparece essa imagem do ser amado que tem para o amante o sentido de tudo o que existe. O ser amado, para o amante, é a transparência do mundo. (BATAILLE, 2017, p. 44).

Finalmente, a literatura representada pelo livro de Monteiro Lobato conduziu a menina ao mesmo ponto que o erotismo a conduziria, porque a comunicação entre ambos foi demarcada pela presença de Eros e, portanto, repleta de desejo, confusão, indistinção e imprecisão, pois o deus é incapturável. A menina se torna rainha, visita a fantasia pelo livro e com o livro e ao final se torna mulher e entra em contato com um outro que é homem e cujo gozo proveniente da união dos amantes conduz à morte, e por meio dela, à continuidade. Sendo assim, nesse conto, a literatura é a poesia que Bataille (2017, p.48) chama de eternidade e é assim que gostaríamos que também fossem esses raros momentos de felicidade clandestina.

3 – Conclusão

“Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector é uma narrativa em que a protagonista transita entre o desejo e a frustração; entre o interdito e a transgressão; entre o amor pela literatura e o desejo carnal por um amante.

É um texto do prazer no dizer de Barthes (2014) e é um texto sobre o prazer, ou melhor, sobre a busca incessante pelo prazer.

Esse conto toca em questões delicadas, tais como crueldade e sexualidade infantil. Por meio de uma escrita que fere e seduz, Clarice nos envolve e nos faz correr também entre uma palavra e outra, assim como a menina corria pelas ruas de Recife. Entretanto, quando ela alcança seu objeto de prazer; flutuamos com ela; sentimos o vento gostoso do balanço na rede agarrados com a literatura que produz o prazer pelo prazer e, portanto, coloca-nos em contato com o deus do desejo, do amor, do prazer e do caos. Eros está presente desde a apresentação do livro de Lobato como um “livro grosso” que dá vontade de comer e deitar com ele até o momento em que ela gruda-o ao seu peito quente de menina que sente seu corpo erotizar-se em êxtase puríssimo.

A felicidade é clandestina na obra de Clarice; falar de erotismo na contemporaneidade está se tornando cada vez mais clandestino ainda, mesmo assim, é urgente que ouçamos o grito de gozo do deus e reflitamos sempre sobre o poder subversivo e sedutor da literatura em todas as idades.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, R. *O Prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
 BATAILLE, G. *O erotismo*. Tradução Fernando Scheibe. 1 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
 BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Tradução: José

- Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRANCO, L. C. O que é erotismo. In: *O que é: amor, erotismo, pornografia*. (Coleção Primeiros Passos, 11). São Paulo: Círculo do livro, 1983.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2015.
- FREUD, S. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. 1ª ed, 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- FREUD, S. *Obras completas*, vol. 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HAN, B.- C. *Agonia de Eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- KHEL, M.R. “A psicanálise e o domínio das paixões.” In. NOVAES, A. (Org.). *Os sentidos das paixões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LISPECTOR, C. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MAY, S. *Amor: uma história*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- MILAN, B. Amor. In. *O que é: amor, erotismo, pornografia*. (Coleção Primeiros Passos, 11). São Paulo: Círculo do livro, 1983.
- NOVAES, N.M.S. *O erotismo em “Felicidade clandestina”, “As águas do mundo”, “O menino” e “As cerejas”*: diálogos entre Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- PLATÃO. *O banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- TURNER, B.S. *Corpo e Sociedade: estudos em teoria social*. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2014.
- XAVIER, E. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.